

FUNDAMENTOS DIALÓGICOS PARA A PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Gabriela Debas dos Santos CLERISI

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo: O estudo apresentado neste artigo trata sobre os fundamentos dialógicos para a prática de análise linguística (PAL) em contexto de Educação Básica. Com os objetivos de discutir as contribuições teórico-metodológicas dos escritos do Círculo de Bakhtin para a PAL e apontar encaminhamentos teórico-metodológicos ao professor de LP para o trabalho com a prática em questão, fundamentamo-nos nos escritos do Círculo de Bakhtin. Para tanto, buscamos compreender a concepção de língua(gem) proposta pelos teóricos do Círculo, trazendo entendimentos quanto aos seguintes conceitos: sujeito, discurso, enunciado, gêneros do discurso, ideologia e valoração social. Para além disso, tratamos sobre as práticas de ensino e aprendizagem de LP, a partir das unidades básicas do ensino de LP, da abordagem operacional e reflexiva da língua(gem), e do que é/de que se trata a PAL. Assim, a partir de uma abordagem enunciativo-discursiva de base dialógica, propomos um caminho para o professor trabalhar com a PAL em sala de aula, pautado em uma sustentação teórica e em uma sustentação metodológica. A partir dessas sustentações, constatamos que o ensino de LP precisa acontecer com base nos sujeitos e suas especificidades, entendendo que os contextos sócio-histórico-culturais diferem-se a todo tempo, e assim caminham juntamente às individualidades da língua(gem) e às demandas dos sujeitos no que tange aos seus anseios discursivos.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Prática de Análise linguística. Ensino de Língua Portuguesa.

DIALOGICAL FOUNDATIONS TO LINGUISTIC ANALYSIS PRACTICE IN PORTUGUESE CLASSES

Abstract: The study presented in this article is about dialogical foundations to the linguist analysis practice (LAP) in Portuguese language (PL) classes in Basic Education. The aim is to discuss the theoretical and methodological contributions of Bakhtin Circle to LAP, and to present theoretical and methodological referrals to PL teacher to work with this practice. Therefore, we base the research in Bakhtin Circle's writings, seeking to comprehend the conception of language, especially about individual, discourse, enunciation, speech genres, ideology and social evaluation. Furthermore, we discuss about PL teaching and learning practices from the basic units of Portuguese language teaching, the operational and reflexive approach to language, and the LAP particularities. Then, we propose a path to the teacher to work with LAP in language classes, based on a theoretical support and a methodological

support, from the enunciative-discursive approach with a dialogic basis. From all of this, it was verified that the PL teaching should happen based on the individuals and their specificities, perceiving that social-historical-cultural contexts are different and then they walk together with language particularities and the individual's demands about their discursive wishes.

Keywords: Bakhtin Circle. Linguistic Analysis. Portuguese Language Teaching.

FUNDAMENTOS DIALÓGICOS PARA LA PRÁCTICA DE ANÁLISIS LINGÜÍSTICO EN CLASES DE LENGUA PORTUGUESA

Resumen: El estudio presentado en este artículo trata acerca de los fundamentos dialógicos para la práctica del análisis lingüístico (PAL) en contexto de Educación Básica. Con los objetivos de discutir las contribuciones teórico-metodológicas de los escritos del Círculo de Bakhtin para la PAL y señalar direcciones teórico-metodológicas al profesor de LP para el trabajo con la práctica en cuestión, en los fundamentamos de los escritos del Círculo de Bakhtin. Para tanto, buscamos comprender la concepción de lengua(je) propuesta por los teóricos del Círculo, trayendo entendimientos sobre los siguientes conceptos: sujeto, discurso, enunciado, géneros del discurso, ideología y valoración social. Además, tratamos sobre las prácticas de la enseñanza y aprendizaje de LP, a partir de las unidades básicas de la enseñanza de LP, del abordaje operacional y reflexivo del(la) lengua(je), y de lo que trata la PAL. De esa forma, a partir de un abordaje enunciativo discursivo de base dialógico, proponemos un camino para que el profesor trabaje con la PAL en clase, pautado en una sustentación teórica y en una sustentación metodológica. A partir de esas sustentaciones, constatamos que la enseñanza de LP debe darse con base en los sujetos y sus especificidades, entendiendo que los contextos socio-histórico-culturales difieren a todo momento, y, de esa manera, caminan al lado de las individualidades de(la) lengua(je) y las demandas de los sujetos en lo que se refiere a sus anhelos discursivos.

Palabras-clave: Círculo de Bakhtin. Práctica de Análisis lingüístico. Enseñanza de Lengua Portuguesa.

1 INTRODUÇÃO

Na busca de potencializar e viabilizar que os sujeitos possam participar e agir em sociedade de forma crítica e emancipada, muitos são os desafios envolvidos no processo educacional e, especialmente, no âmbito escolar. Nesse sentido, há muitos anos, o ensino de Língua Portuguesa (LP)¹ vem sendo atravessado por diferentes discursos, especialmente no que diz respeito ao preparo dos indivíduos para usarem sua língua materna.

¹ Ao longo deste artigo, utilizaremos a expressão “Língua Portuguesa” com iniciais maiúsculas, ou a sigla “LP”, quando nos referirmos à disciplina de Língua Portuguesa, e utilizaremos a expressão “língua portuguesa” com iniciais minúscula quando nos referirmos à língua.

Dentre diversos discursos pelos quais trespassa, o ensino de LP, atualmente, ainda que trazendo reflexos de uma tradição do ensino de gramática tradicional com intensa valorização da língua(gem) em sua forma, procura, em uma nova perspectiva, desconstruir essa tradição já reverberada, dando uma maior importância ao uso contextualizado da língua(gem). (BUNZEN, 2011). À luz do trabalho com a linguagem em uso, a partir da década de 1980, por meio das discussões de Geraldi (1984), estabelecem-se três unidades básicas: leitura, produção de textos e análise linguística.

Essa perspectiva de trabalho, então, com a inclusão da análise linguística (aqui chamada de *prática de análise linguística – PAL*) em meio às duas outras unidades de ensino da língua(gem), buscar repensar o papel da gramática no ensino. Logo, passa-se a compreender a língua(gem) a partir de uma ancoragem sócio-histórica, visando à interação social. Essa proposta fundamenta-se, portanto, em uma abordagem de ensino operacional e reflexiva, a partir do olhar enunciativo-discursivo.

No que tange à abordagem enunciativo-discursiva, fundamentamos teoricamente este artigo com base nos escritos do Círculo de Bakhtin, os quais compreendem a língua(gem) a partir de sua ancoragem na interação social. Orientada essencialmente a partir do aspecto interacional, a língua(gem), tal como o Círculo propõe, “[...] vive e evolui historicamente na comunicação verbal e concreta” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014[1929], p. 128). Assim, a língua(gem) acontece por meio de *enunciações*, realizadas pelos *sujeitos* interlocutores, materializando-se através dos *gêneros do discurso*.

Tendo em vista que ainda há uma imprecisão quanto aos fundamentos da PAL no ensino de LP, buscamos, neste artigo, a partir da discussão sobre as contribuições teórico-metodológicas dos escritos do Círculo de Bakhtin para a *prática de análise linguística* nas aulas de Língua Portuguesa em contexto de Educação Básica, **apontar encaminhamentos teórico-metodológicos ao professor de Língua Portuguesa para o trabalho com a prática de análise linguística na sala de aula**, tal como segue.

2 OS ESTUDOS DIALÓGICOS DA LÍNGUA(GEM)

Os estudos dialógicos da língua(gem) respondem às discussões do Círculo de Bakhtin. Ao longo do que o Círculo expõe, diversos conceitos são esclarecidos a fim de que se possa apreender toda uma concepção dialógica de língua(gem) por trás das discussões. Então, a clareza de concepções tais como *sujeito*, *discurso*, *enunciado*, *gêneros do discurso*, *ideologia* e *avaliação/valorização social* são fundamentais para o entendimento quanto à língua(gem).

Quando discutem sobre a língua(gem), os teóricos do Círculo apresentam duas grandes correntes que tratam a língua(gem) de diferentes formas: o *subjetivismo individualista* e o *objetivismo abstrato*. Bakhtin [Volochínov] (2014[1929]) explica, sobre a primeira vertente, que essa filosofia considera a língua(gem) a partir de um caráter individualista, sendo concebida, portanto, de forma semelhante às criações artísticas e estéticas, ou seja, como criações individuais. Daí entende-se que ao analisar a língua(gem) a partir dessa noção, o linguista deve concentrar-se em descrições, classificações, observando especialmente o ato de criação individual da língua(gem), e deixando de lado relações do tipo social. Também se dá importância, nessa perspectiva, à evolução histórica da língua(gem), uma vez que considera que a criação é ininterrupta e renova-se constantemente.

Já quanto à segunda corrente, o objetivismo abstrato, o Círculo explica que, conforme essa vertente, o sistema linguístico é responsável por acomodar os fatos da língua, ou seja, há um sistema linguístico que determina traço idênticos que pertencem às enunciações – sendo essas enunciações, portanto, individuais e não reiteráveis. Assim, a língua seria compreensível, em sua totalidade, somente pelos falantes de sua comunidade. (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014[1929]).

Quanto a essas concepções, entendendo-as como equívocas, o Círculo de Bakhtin apresenta algumas considerações e, nesse sentido, sugere outra compreensão que coloca a língua(gem) como um *fenômeno interacional*. Para Bakhtin [Volochínov] (2014[1929]), a enunciação monológica não deve ser a única considerada na língua(gem), como propõe o subjetivismo individualista. Ao contrário disso, o teórico explica que a língua(gem) não é “[...] um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual” (BAKHTIN

[VOLOCHÍNOV], 2014[1929], p. 114), mas sim orientada pela exterioridade. Sendo assim, a língua(gem) apresenta-se como um produto da interação verbal, a qual envolve interlocutores socialmente organizados, uma vez que procede de alguém e dirige-se para alguém.

Ainda, Bakhtin [Volochínov] (2014[1929], p. 117) indica que “[a] situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.” Isso quer dizer que a língua(gem) é sempre socialmente orientada, e a atividade mental e a objetivação exterior são, igualmente, da ordem do social.

Já quanto ao objetivismo abstrato, a ideia de unicidade da língua(gem) também não condiz com sua realidade efetiva, sendo que, a partir dessa concepção, “[...] não se poderia falar de uma criação refletida da língua pelo sujeito falante.” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014[1929], p. 80). Enquanto norma e sistema, a língua(gem) opõe-se ao falante, uma vez que se contrapõe ao caráter social do sujeito que está sempre se constituindo e evoluindo historicamente. Assim, pensar na imutabilidade, que ignora o uso individual do falante e que, dessa forma, traz a ideia de autonomia, é ignorar as individualidades dos atos de fala e dos usos individuais dos falantes/sujeitos da língua(gem).

Posto isso, resta-nos entender que na concepção de língua(gem) proposta por Bakhtin [Volochínov] (2014[1929]) não se pode desprezar questões como a natureza social e o conteúdo ideológico da enunciação, pois esses são componentes basilares de toda a compreensão. A *enunciação*, por sua vez, tal como Bakhtin 2011[1979] nos explicou, refere-se à língua(gem) em uso, de modo concreto e real. Isso quer dizer, portanto, que o enunciado é a materialização do discurso.

Muito mais do que uma unidade abstrata, o enunciado concede vida à língua(gem), fazendo que o discurso seja real, vivo, único e individual, conforme o falante. Nesse entendimento, o teórico nos esclarece que “[o] emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 261). É verdade, assim sendo, que o enunciado é uma unidade real e significativa da comunicação discursiva verbal. Para ser uma

unidade significativa e real, o enunciado leva em conta não somente o verbal como também o não-verbal, isto é, tudo aquilo que faz parte de uma situação real.

Dentre as peculiaridades constitutivo-funcionais do enunciado indicados por Bakhtin (2011[1979]) estão a (i) alternância dos sujeitos do discurso, a (ii) conclusibilidade específica e a (iii) a relação do enunciado com o próprio falante e com os participantes da comunicação discursiva. A partir de (i), entende-se que todos os sujeitos da comunicação discursiva são sujeitos ativos, ocupando posições responsivas sempre que necessário, respondendo ao enunciado. Assim, os sujeitos do discurso alternam-se, entre papéis e posições, para que aconteça a comunicação.

Tendo em vista que há alternância entre os sujeitos, há uma pluralidade de enunciados que permeiam os discursos. Sobre isso, Bakhtin (2011[1979], p. 272) ressalta que o enunciado “[...] é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.”. Nesse sentido para que a alternância entre os sujeitos ocorra, o enunciado, que está sempre relacionado a outros enunciados, possui uma (ii) conclusibilidade específica que o concede inteireza e acabamento. Isso porque o interlocutor, ao enunciar, precisa dizer tudo o que tem para dizer em determinados contexto e situação específica.

Então, sendo rodeado de muitos outros enunciados, o enunciado é também parte do próprio sujeito que enunciou (iii). Esse, por sua vez, é quem define os meios linguísticos, o gênero do discurso e o elemento expressivo que mais se adequam as suas intenções, a fim de que possa alcançar seu projeto de dizer. Quanto ao meio expressivo, referimo-nos às entonações, que funcionam como uma corrente entre a situação real e o auditório envolvido no discurso.

Levando em conta as questões expostas acima, compreendemos, até o momento, que para o Círculo de Bakhtin a língua(gem) se dá por meio da enunciação, a qual acontece, dentre os discursos, por meio da interação verbal entre os sujeitos sociais. Esses últimos, como sabemos, são sujeitos individuais que possuem anseios próprios bem como convicções, valorações e entendimentos distintos da vida, considerando suas diferentes experiências.

Ademais, todos os enunciados são materializados em formas típicas para que se proceda a comunicação discursiva. É o que o Círculo denomina de *gêneros do discurso*.

A partir do entendimento de enunciado deriva a compreensão quanto aos gêneros do discurso. Na interação, os gêneros do discurso representam a realização do projeto de dizer do falante, em sua forma tipificada. É por meio dos gêneros, logo, que os enunciados se tipificam e tornam-se relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2011[1979]). Os gêneros do discurso são variados e heterogêneos, dando forma² aos diferentes tipos de discursos produzidos na comunicação.

Lembramos que o gênero é uma das peculiaridades do enunciado, concedendo-lhe a conclusibilidade específica. Desse modo, o gênero é um dos elementos que dá inteireza ao enunciado, como unidade da língua(gem), pois permite que o falante tenha uma forma típica para realizar seu projeto de dizer.

É, enfim, exatamente por meio enunciado, materializado nos gêneros discursivos, que o fenômeno ideológico acontece. Na realidade, assim como Bakhtin [Volochínov] (2014[1929]) esclarece, não há signo ou enunciado que não seja ideológico e carregado de valorações. Acosta Pereira (2012, p. 55) explica que “[...] toda palavra é constituída por ideologias que não apenas refletem aspectos do real, como também refratam esses aspectos.”. Assim, é na comunicação discursiva que se objetiva a ideologia.

Na refração da realidade representada pela ideologia, na enunciação, percorre também a valoração social. Ideologia e língua(gem) coexistem por meio da interação social que se dá entre os sujeitos, na qual a avaliação acontece a todo tempo. Quando enuncia ou quando recepciona (compreende) enunciações, o indivíduo está sempre emitindo pareceres de valor e juízo, posicionando-se quanto ao tema que circunda a interação.

A valoração social, por sua vez, perpassa todas as relações sociais pelas quais os indivíduos inter-relacionam-se, e não há enunciações neutras, já que na cadeia de enunciados em que a comunicação discursiva acontece há uma troca de percepções/valorações, gerando

² A “forma” de que aqui tratamos não se refere a uma estrutura rígida, mas sim plástica, relativamente estável.

novas avaliações sociais e posições expressivas dos sujeitos. É uma cadeia repleta de elos, que se ligam, conhecem-se e refletem-se. (BAKHTIN, 2011[1979]). Destarte, o sujeito de Bakhtin que interage comunicando-se discursivamente está constantemente enunciando avaliações.

Então, dentre outras discussões e conceitos que poderíamos trazer para clarificar a compreensão de língua(gem) proposta pelo Círculo de Bakhtin, findamos aqui esta seção a fim de trazer outros pontos de importância à frente. Concluímos, com isso que, quanto a nossa perspectiva teórica, conforme nos ensinaram os escritos do Círculo, a **língua(gem), como um fenômeno interacional que envolve sujeitos, se dá por meio dos discursos, os quais são materializados pelos enunciados, que tomam forma³ tipificada por meio dos gêneros do discurso, ideológico e valorativamente engendrados.**

3 AS PRÁTICAS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Em meio a diversas discussões sobre o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa na escola, uma nova abordagem para o ensino de LP vem para ressignificar a prática (GERALDI, 2011[1984]). Ao contrário do que há muitos anos tem acontecido no ensino tradicional, que toma como base para o ensino palavras e frases soltas, trazendo a ideia de mecanização da palavra, a proposta de mudança procura transformar o foco do ensino de LP, trazendo o texto-enunciado⁴ como unidade articuladora, e colocando-o no centro do processo.

Após o insucesso de inúmeras tentativas por trás do ensino de LP, surgem variadas críticas ao ensino tradicional por persistir em uma prática reducionista, tratando a palavra e a frase de modo descontextualizado. Com isso, sem a colheita de bons frutos, as consequências continuam a aparecer por meio dos sujeitos envolvidos nessa prática, os quais sem dominar a língua(gem) ficam impossibilitados de ter voz e agir na sociedade. (ANTUNES, 2003).

³ Mesmo caso da nota de nr. 2.

⁴ Utilizamos a expressão “texto-enunciado” porque, conforme a concepção dialógica de língua(gem), todo texto produzido por um sujeito social carrega ideologia, valorações, destina-se a alguém, e está ligado a uma cadeia repleta de outros textos, caracterizando-se, dessa forma, como um enunciado. Logo, todo texto, a partir da perspectiva que aqui compreendemos, é enunciado. Em sala de aula, consequentemente, o trabalho deve ocorrer a partir de textos-enunciados.

Geraldi (2013[1991]) explica, sobre isso, que a grande problemática centra na mecanização da palavra, percorrendo toda a prática de ensino, fazendo com que o aprendizado pareça um processo maquinal. O autor ressalta, ainda, que o foco na metalinguagem, abordado pela perspectiva tradicional, privilegia “[...] o raciocínio sobre a abstração e conseqüentemente sobre o aspecto formal, universal, uno e regular da língua [...]” (GERALDI, 2013[1991], p. 118). Desse modo, deixa-se de lado o trabalho com enunciados concretos e reais, os quais caracterizam a verdadeira língua(gem).

A partir dessa preocupação, surge uma nova orientação aos estudos linguísticos que pretende ser renovadora, trazendo críticas ao ensino tradicional, descontextualizado, autoritário e dogmático. Com base nas críticas tecidas, propõe-se uma nova abordagem, operacional e reflexiva ao mesmo tempo em que o ensino da língua(gem) é concedido a partir da “[...] reflexão sobre o modo como o sujeito constrói conhecimento sobre a língua.” (BRITTO, 1997, p. 230).

Nesse sentido, a abordagem operacional e reflexiva da língua(gem) consocia-se a uma prática didático-pedagógica para o ensino de LP baseada nas práticas sociais efetivas, por meio de discursos situados, para que o aluno tenha, então, um aprendizado que o possibilite utilizar a língua(gem) de forma efetiva (BRITTO, 1997; ROJO, 2008). Nessa linha de pensamento, Geraldi (2013[1991]; 2011[1984]) propõe novos direcionamentos, fundados em três unidades básicas: leitura de textos, produção de textos e *análise linguística*.

Quando traz essa proposta, Geraldi (2013[1991]; 2011[1984]) esclarece que o ensino e o aprendizado da língua(gem) precisa considerá-la como uma forma de interação, já a língua(gem) “[...] só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução.” (GERALDI, 2011[1984], p. 47). Tendo isso em vista, é mais relevante estudar “[...] as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam”. (GERALDI, 2011[1984], p. 48), do que as classificações gramaticais.

Para que se coloquem em questão, portanto, as relações entre os sujeitos, faz-se necessário que as três unidades básicas sejam trabalhadas conjuntamente, articuladas, proporcionando um ensino que vá ao encontro das demandas dos aprendizes, fomentando

interesse pela aprendizagem, bem como preparando-os para viver e agir em sociedade, como sujeitos que interagem.

Assim, Geraldi (2013[1991], p. 167) explica que é essencial usar o texto como ponto de partida e de chegada no ensino, pois ele é “[...] o lugar onde o encontro se dá.”. Ainda, o autor destaca a importância de esse texto estar sob a forma de gêneros discursivos, uma vez que esta proposta trata das relações sociais entre os sujeitos.⁵ Ao lado da leitura de textos e da produção de textos, enfim, a análise linguística aparece como uma nova unidade desse ensino.

4 A PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Para além da perspectiva tradicional de ensino de LP, há, nas abordagens contemporâneas, uma prática que surge como alternativa ao ensino da tradicional, sugerindo uma proposta de trabalho que se apoia no uso efetivo da língua(gem), a partir de prática sociais, permeadas por contextos variados, considerando o texto – produzido na forma de enunciados concretos – portanto, como unidade básica para o ensino. Como já mencionamos previamente, essa prática, iniciada por Geraldi, primeiramente, e denominada de análise linguística, aponta que o caminho para aprendizagem precisa ocorrer a partir das atividades de uso e reflexão. Abaixo, trazemos um breve histórico da introdução dessa nova perspectiva.

É na década de 1980 que Geraldi (2011[1984]) introduz o termo *prática de análise linguística*. Em seus estudos, ao indicar as unidades básicas do ensino de português, o pesquisador propõe que as práticas de leitura de textos, produção de texto e análise linguística sejam articuladas, pretendendo possibilitar uma aprendizagem em que o aluno seja sujeito de formas de interação diversas. O autor esclarece que

[o] uso da expressão “prática de análise linguística” não se deve ao mero gosto por novas terminologias. A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (...); organização

⁵ Neste artigo não aprofundamos na discussão sobre as unidades da língua(gem), contudo, para um estudo mais detalhado neste tema sugerimos as seguintes leituras: GERALDI (2011[1984]), GERALDI (2013[1991]), SANTOS (cap. 4, 2017) – verificar referência completa ao final deste texto.

e inclusão de informações; etc. Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina. (GERALDI, 2011[1984], p. 85, grifos do autor)

Nesse entendimento, Geraldi (2011[1984]) destaca a necessidade de que a prática seja respaldada por uma concepção de língua(gem) que a entenda com uma forma de interação, sendo preciso, então, que haja “[...] a articulação entre a atividade de sala de aula e a concepção interacionista de linguagem.” (GERALDI, 2011[1984], p. 66). As atividades desenvolvidas em sala de aula, a partir disso, devem acontecer de forma associada e sistematizada, abrangendo as três unidades básicas da língua(gem).

A fim de oferecer maiores esclarecimento, Geraldi (2013[1991]), pouco tempo depois, explica sobre a própria expressão *análise linguística*. Segundo o autor,

[c]om a expressão “análise linguística” pretendo referir este conjunto de atividades que tomam uma das características da linguagem como seu objeto: o fato de ela poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos sobre o mundo ou sobre nossa relação com as coisas, mas também falamos sobre como falamos. (GERALDI, 2013[1991], p. 190-191)

Logo, com as contribuições do Geraldi a respeito da PAL, passam a emergir novas pesquisas que vêm a colaborar com a proposta do autor, sustentando e subsidiando a prática para que seja trazida efetivamente à sala de aula. Já no fim dos anos 1990, o próprio governo federal do Brasil apresenta a perspectiva nos documentos parametrizados (BRASIL, 1998) do ensino de LP, baseando-se na concepção de língua(gem) interacionista, citando a atividade de análise linguística como de natureza reflexiva. A partir disso, intensificam-se ainda mais os estudos na área.

Ainda tentando aclarar sobre o que seria, então, essa perspectiva que se propõe a ser diferente, alterando todo um panorama de tradição, Mendonça (2006, p. 204, grifos da autora) explica que

[...] a **AL surge como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de texto**, dado que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos da linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua.

Com base nisso, a autora apresenta diferenciações entre o que chama de *ensino de gramática* e a então *prática de análise linguística*, conforme disposto no quadro a seguir:

	ENSINO DE GRAMÁTICA	PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA
1	Concepção de língua(gem): sistema, inflexível, invariável.	Concepção de língua(gem): ação interlocutiva situada, sujeito a variações.
2	Eixos de ensino fragmentados: PAL, leitura e produção.	Eixos de ensino integrados: PAL, leitura e produção.
3	Metodologia transmissiva: dedução e treinamento.	Metodologia reflexiva: indução.
4	Habilidade metalinguísticas.	Habilidades metalinguísticas e epilinguísticas.
5	Objeto: conteúdos gramaticais isolados.	Objeto: língua(gem) em uso.
6	Norma-padrão.	Efeitos de sentido.
7	Não trabalha com gêneros do discurso/textuais. Análise de cunho estrutural.	Trabalho com gêneros do discurso/textuais.
8	Unidades de estudo: palavra, frase e período.	Unidade de estudo: texto.
9	Atividades: exercícios estruturais.	Atividades: com questões abertas, de pesquisa e reflexão.

Quadro 1 – Ensino de gramática X Prática de análise linguística

Fonte: Adaptado de Mendonça (2006, p. 199-226).

Como é possível depreender do quadro acima exposto, o *ensino de gramática* (tradicional) e a *prática de análise linguística* diferenciam-se substancialmente, especialmente porque as concepções de língua(gens) na qual estão pautados diferem-se grandemente. Enquanto a gramática tradicional entende a língua(gem) de como um sistema, sendo inflexível e invariável, a PAL, contrariamente, acredita em uma língua(gem) que se dá na ação interlocutiva situada, podendo variar. Dessas concepções, portanto, derivam os outros fundamentos dessas duas propostas.

Os eixos de ensino, como se pode ver, são semelhantes, no entanto, entendidos de formas opostas, já que no primeiro trabalha-se com os eixos de forma fragmentada, e no segundo de forma integrada. Tal como mencionamos acima, a PAL diferencia-se justamente porque se propõe a integrar as unidades da língua(gem) buscando basear-se no uso da língua(gem). Dentre as duas metodologias de ensino, a reflexiva, na qual se induz à

aprendizagem, permite que o próprio aprendiz reflita sobre a língua(gem) analisando-a a partir de seu uso – deixando, desse modo, de trazer práticas repetitivas que promovem o treinamento com base em deduções de regras.

Entre as habilidades necessárias para a aprendizagem, a PAL inova quando propõe para além das metalinguísticas também as epilinguísticas, as quais dizem respeito, enfim, ao uso social efetivo da língua(gem), permitindo que se reflita sobre dos recursos expressivos. Daí decorre que o objeto do processo de ensino e aprendizagem deixa de ser os conteúdos gramaticais isolados, para tornar-se o uso da língua(gem), buscando-se tratar, sobretudo, dos efeitos de sentido, do que das normas padrões.

Ainda, Mendonça (2006, p. 203) destaca que “[a] análise pela análise não faz sentido.”. É preciso que análise envolva reflexão e que, junto a isso, as reflexões estejam associadas aos usos experimentados nas práticas de leitura e produção de textos. A partir da reflexão dos fenômenos, poderemos compreender os fenômenos da língua(gem) – gramaticais e textual-discursivos – envolvidos nas práticas linguísticas. Daí, a análise faz sentido. (MENDONÇA, 2006).

Não se pretende, com a PAL, excluir o trabalho gramatical, que traz a língua(gem) em seu funcionamento sistemático. O que se pretende, entretanto, é apresentar aos sujeitos falantes da língua(gem) um aprendizado guiado a partir do uso da língua(gem), da observação dos fenômenos linguísticos, que possam levar à compreensão do funcionamento gramatical, *a posteriori*.

Para concluir, vale lembrar que a PAL é uma prática de ensino da LP que pretende dedicar-se a sujeitos que interagem e relacionam-se com/como interlocutores ativos, por meio de ações interlocutivas situadas. Pretende, ainda, por conseguinte, viabilizar aos falantes agirem em sociedade, por meio de enunciados concretos, produzidos em suas historicidades, em situações e contextos específicos, materializados na forma de gêneros do discurso.

Diferentemente do que se faz na prática tradicional, a PAL trabalha com a língua(gem) em uso – não sendo, isso posto, um código fixo, ou independente pragmaticamente. A

língua(gem) em uso, como tal, delinea-se de acordo com especificidades que variam constantemente.

5 UM CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A O TRABALHO COM A PAL

Partindo das discussões apresentadas acima, procuramos trazer, neste momento, uma proposta de caminho teórico-metodológico para o trabalho com a *prática de análise linguística* na sala de aula a partir de uma *abordagem enunciativo-discursiva de base dialógica*. Essa proposta, portanto, ancora-se em quatro pilares: 1) a compreensão da língua(gem) como/para interação; 2) a compreensão do professor e do aluno como sujeitos dialógicos; 3) o indicativo de que se trabalhe com textos-enunciados sob um matiz dialógico; e 4) o entendimento de que o ensino, tal como incentivado pelos documentos parametrizadores, se dê com base no uso e na reflexão. A partir desses pilares, podemos estruturar um caminho de base dialógica para a prática de que aqui tratamos.

Ainda, esclarecemos que a proposta se estrutura em duas grandes sustentações – teórica e metodológica. A escolha dessa divisão entre as partes teórica e metodológica justifica-se no fato de que a perspectiva de que tratamos, como uma prática a qual acontece em sala de aula, depende de ambas as vertentes para que possa acontecer de modo pleno e adequado às demandas. Primeiramente, a sustentação teórica faz-se de demasiada importância na lógica de que em qualquer prática que se dê no ensino – e ainda em outras instâncias – é preciso que haja sempre uma fundamentação teórica pertinente que a venha sustentar. São as concepções referentes à língua(gem), para este caso específico de que tratamos, que farão a grande diferença tanto na prática a ser executada em sala de aula como na própria ação do professor que irá mediar a aprendizagem da LP.

Já quanto à sustentação metodológica, faz-se pertinente darmos indicações preliminares para o trabalho com a PAL em sala de aula, uma vez que a prática tem relação direta com a teoria e, mais do que isso, considerando o fato de que a eficiência de uma prática está, para o caso do ensino, em saber executá-la harmoniosamente. Ao longo das explicações, será possível apreender que as compreensões se colocam quase como acarretamentos, já que as concepções teóricas levam às sugestões metodológicas explicitamente.

Passamos, a partir de agora, a chamar a PAL de *PAL de base dialógica* – sendo essa uma proposta que elaboramos pensando na prática em questão com base nas contribuições do Círculo de Bakhtin referentes à língua(gem). (SANTOS, 2017).

Primeiramente, ao tratarmos da sustentação teórica, é preciso lembrar que aqui escolhemos nos respaldar na filosofia da língua(gem) bakhtiniana, a qual, dentre os diferentes conceitos apresentados, apresenta um entendimento referente ao funcionamento da própria língua(gem) como um *fenômeno interacional* que se dá por entre os *sujeitos sociais*. São justamente essas concepções que vem a calhar quando pensamos na PAL para o ensino de LP em sala de aula, de base dialógica, com caráter essencialmente interacional.

A filosofia da língua(gem) bakhtiniana traz à tona, ademais, algumas questões que são cruciais na sustentação teórica da PAL de base dialógica; são essas: a compreensão quanto ao sujeito dialógico, o entendimento de que a língua(gem) acontece por meio de discursos e enunciações desses seus sujeitos, a compreensão de que os gêneros do discurso são tipificações que materializam os enunciados conforme os propósitos do enunciador e, por fim, a compreensão de que por meio dos discursos os sujeitos estão sempre apropriando-se de ideologias, as quais lhes permitem ver e avaliar socialmente o outro e suas enunciações.

A seguir expomos, então, um diagrama que apresenta resumidamente a sustentação teórica para a PAL de base dialógica.

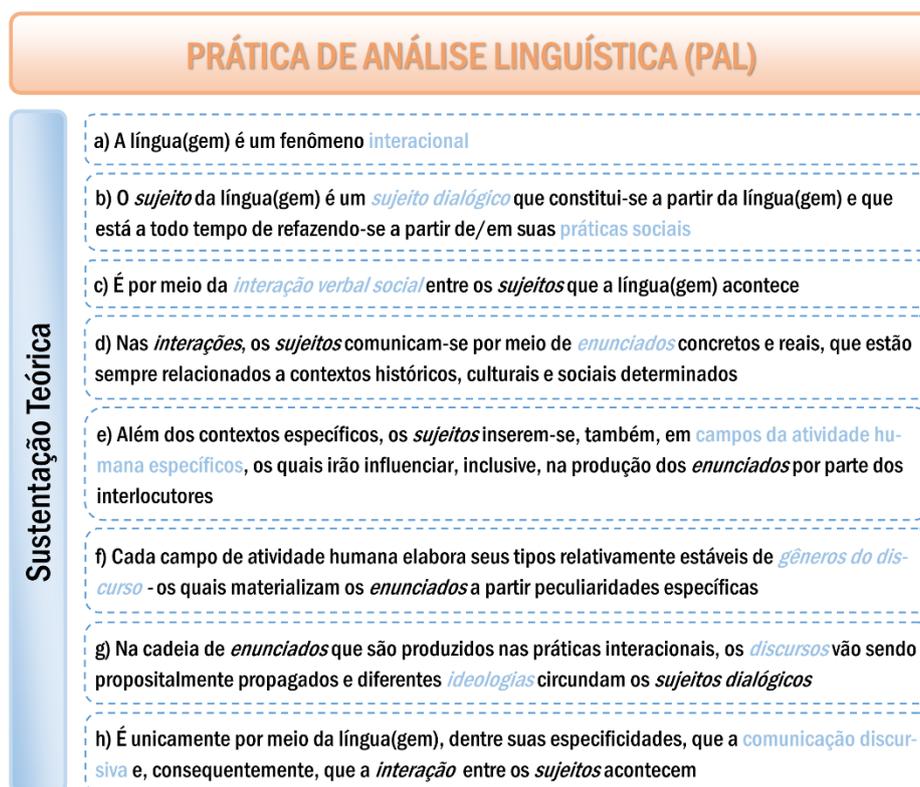


Figura 1 – Sustentação teórica da PAL de base dialógica

Fonte: A autora (2017)

Em a), quando tratamos de PAL de base dialógica, como já reiterado em outros momentos, sabemos que a língua(gem) relacionada a essa prática é entendida como um fenômeno interacional. Sendo assim, compreendida como mais do que um instrumento para a comunicação, a língua(gem) permite que o sujeito interaja em sociedade, como um cidadão constituído socialmente, participando das práticas que lhe convir.

Em b) e c), na sequência, compreendemos que o sujeito envolvido na PAL de base dialógica usa dessa mesma língua(gem) para formar-se histórica, cultural e socialmente – para além da/e por meio da interação com os outros sujeitos dialógicos. Na relação que se dá por meio das práticas sociais, portanto, mediadas pela língua(gem), os sujeitos conhecem uns aos outros, comunicam-se discursivamente e interagem, passando a constituírem-se, elaborarem-se e reconstruírem-se a todo tempo.

Em d), pois, encontramos a ideia de que é justamente na unidade no enunciado que a língua(gem) acontece, já que, conforme indicado pelo Círculo, é essa a unidade real e concreta da língua(gem), por meio da qual o sujeito elabora seus projetos de dizer, com suas especificidades específicas no que concerne aos contextos e campos da atividade humana. Tendo em vista que há muito mais por trás de um discurso do que apenas símbolos linguísticos, a oração, por si só, estruturada nas formas da língua, não é mais suficiente para dar conta da dimensão das intenções dos sujeitos. É por isso que o enunciado faz-se pleno, e é colocado, neste caso, como a unidade real da língua(gem) no fenômeno da interação.

Em e), na sequência, quando propomos que os sujeitos, assim como os enunciados, estão relacionados a campos de atividade humana específicos, queremos afirmar que esses campos também irão influenciar de forma direta na elaboração dos enunciados – já que cada campo tem suas particularidades e elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados. É por meio desses tipos, ou seja, dos gêneros do discurso, que o sujeito organiza seus enunciados com base em suas necessidades especiais e singulares, conforme o repertório de gêneros que lhe é de conhecimento (em f). O repertório, por sua vez, tal como o enunciado, irá adequar-se ao campo de atividade humana, estando em constante evolução – ou seja, sendo relativamente estável como o próprio gênero discursivo.

Em g), logo, indicamos que na troca de discursos, na comunicação discursiva proporcionada na interação social verbal, na ampla cadeia de enunciações, os sujeitos dialógicos apropriam-se, conhecem e julgam ideologias, construindo-se valorativamente. Quando dessa edificação, acontecem, a todo tempo, valorações sociais, em que os sujeitos avaliam criticamente os enunciados de outros, constituindo-se a si mesmos.

Enfim, em h), é possível compreendermos que a comunicação discursiva, nesse contexto, é efetivamente a interação, e concluímos que, nessa compreensão sobre a língua(gem) com base no caráter interacional, os conceitos estão sempre atrelados uns aos outros. Logo, sempre que houver língua(gem), haverá, outrossim, sujeito, enunciado, discurso, interação verbal, campo de atividade humana, gêneros discursivos e ideologia.

A partir desses conceitos-chave, temos a sustentação teórica para a PAL e, para além disso, observamos a possibilidade de que a prática efetiva se encaminhe e, também, seja sustentada metodologicamente, conforme expomos a seguir, no diagrama abaixo.

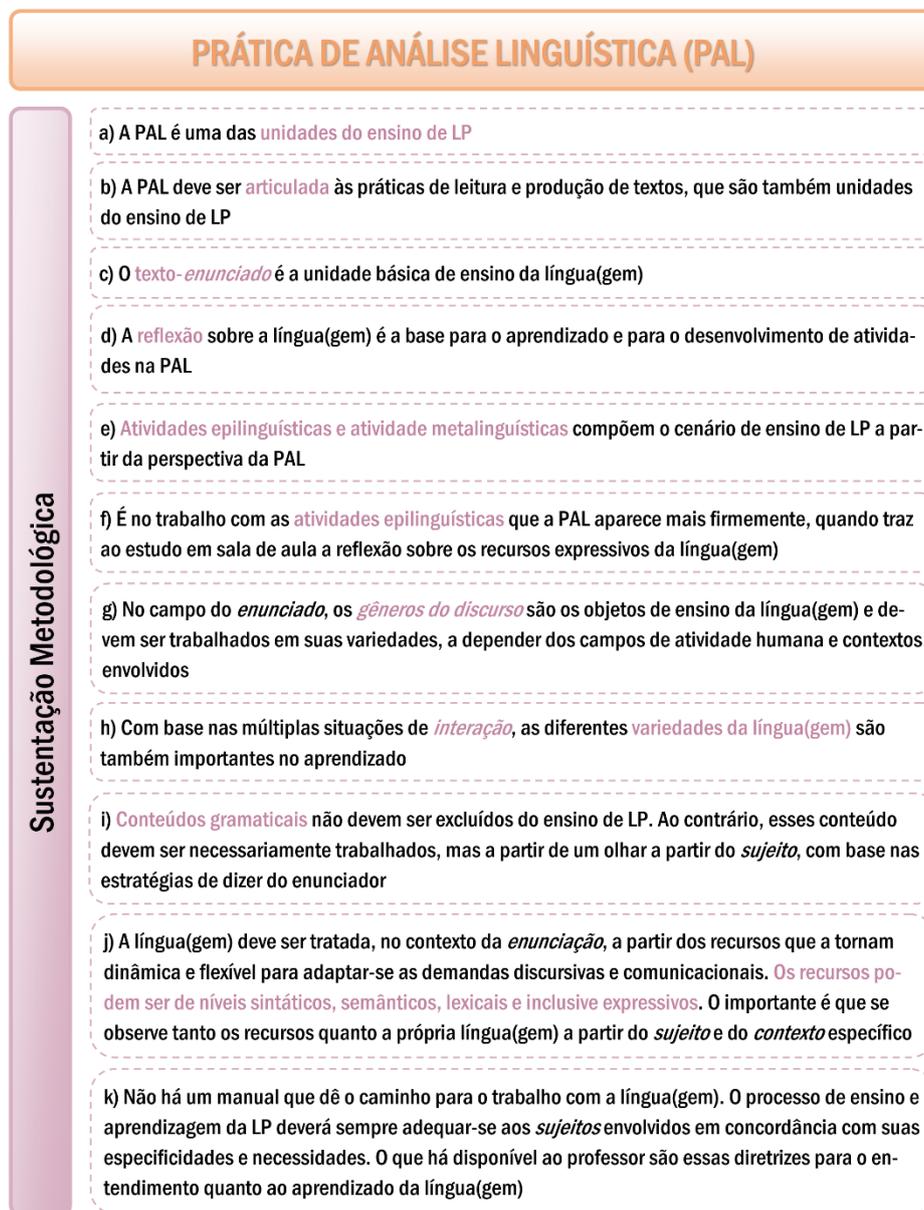


Figura 2 – Sustentação metodológica da PAL de base dialógica

Fonte: A autora (2017)

Passando a compreender a sustentação metodológica, neste momento, compreendemos que em a) há a indicação de que junto as outras unidades da língua(gem), a

PAL é de essencial importância no ensino de LP. Na dinâmica em que leitura e produção de textos – ou seja, as outras duas unidades do ensino – correspondem aos usos da língua(gem), a PAL é a unidade em que permite que se faça a reflexão quanto a esses usos. Considerando isso, temos, em b), a imprescindibilidade de que as três unidades básicas estejam presentes no processo de ensino e aprendizagem de língua(gem) materna – tendo em vista que é a partir do uso que a reflexão pode acontecer e, sendo assim, não há um sem outro. O trabalho com as unidades de leitura e produção de textos são tão importantes quanto a PAL, porque sozinha, como unidade, a análise linguística não tem sentido.

Em c), resultante da ideia de que a língua(gem) acontece por meio de enunciados, apontamos que é exatamente o enunciado que se torna a base para o ensino. Assim, no lugar da oração, o texto-enunciado está para o ensino como a unidade fundamental de trabalho em sala de aula e, nessa lógica, todas as atividades de ensino precisam estar articuladas a partir do texto-enunciado, considerando que se faz necessário colocar em pauta textos concretos e reais para análise.

Em d), é possível entendermos que é a reflexão sobre os usos, por meio da apropriação do texto-enunciado, dá a oportunidade de observar aspectos não observados quando da restrição da observação unicamente às formas linguísticas. Aspectos que dizem respeito ao sujeito, aos enunciados e suas singularidades, e questões que se referem aos contextos específicos aparecem somente no texto que é enunciado, podendo ser analisadas exclusivamente através da reflexão – sendo essa reflexão, pois, a característica inovadora da PAL de base dialógica em contrapartida à prática tradicional.

Em e) e f), na sugestão de trabalho com atividades metalinguísticas e epilinguísticas, pretendemos tratar, nas primeiras, das atividades que já são comumente submetidas aos aprendizes quando da prática/replicação das formas da língua(gem) por meio das regras, concernentes aos usos e, nas segundas, das atividades que tratam dos recursos expressivos da língua(gem) para além dos recursos linguísticos – sendo, nesse caso, referentes à reflexão.

Em g), esclarecemos que, tendo em vista o encaminhamento do ensino com base no enunciado e, logo, da reflexão, faz-se importante trabalhar com diferentes gêneros discursivos

no ensino. Isso porque os gêneros estão para a língua(gem) como intermediadores dos propósitos dos falantes, pois são meios para a realização dos enunciados. Assim, a fim de que os alunos, ao apropriarem-se na língua(gem), possam reconhecer as diferentes tipificações de uso conforme os contextos disponíveis e os campos de atividades humana, é essencial esse trabalho com gêneros discursivos diversificados.

Em h), quando nos referimos ao trabalho com as variedades linguísticas, pretendemos reforçar a importância da adaptação do sujeito, tanto no que concerne aos contextos em que interage quanto no que diz respeito às diferentes variedades da linguagem(gem) – as quais existem e evoluem consoante as transformações sociais e especificidades de cada comunidade e esfera da atividade humana. Com esse trabalho, o sujeito passa a reconhecer e observar as diferenças entre as muitas variedades, compreendendo suas especificidades, e não criando preconceitos referentes à forma.

Em i) e j), por fim, reiterando nossa discussão até então, afirmamos que é importante ao ensino da língua(gem) basear-se em conteúdos tanto gramaticais quanto expressivos, contudo, no sentido em que o exercício da reflexão permita ao sujeito da língua(gem) reconhecer e apropriar-se dos recursos a fim de que esteja habilitado a usá-los conforme seus objetivos na comunicação discursiva. Tal como exposto em k), não há um manual que dê o caminho para o trabalho com a língua(gem); o processo de ensino e aprendizagem da LP deverá sempre adequar-se aos sujeitos envolvidos em concordância com suas especificidades e necessidades; o que há de disponível ao professor são diretrizes para o entendimento quanto ao aprendizado da língua(gem).

Com isso, é possível verificarmos que a grande diferença da proposta que aqui apresentamos centra-se especialmente na compreensão do indivíduo aprendiz como um sujeito social e no entendimento da língua(gem) como um fenômeno interacional. A partir disso, todos os outros entendimentos refletirão no que se acredita sobre a língua(gem) e na forma como se trabalha com essa em sala de aula. Por fim, encaminhamo-nos às conclusões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora, após apresentarmos um caminho para o trabalho com a *PAL de base dialógica* em sala de aula, podemos afirmar que não há nada incongruente ou irracional que impeça de que esta prática ocorra efetivamente em sala de aula – ainda que a perspectiva se mostre diferente do que se costuma observar em sala de aula. A proposta de ensino que toma como base a PAL propõe nada menos do que trabalhar com a língua(gem) em sua realidade concreta. Assim como Geraldi (2013[1991], p. 5-6) sabiamente nos indica:

Focalizar a linguagem a partir do processo interlocutivo e com este olhar pensar o processo educacional exige instaurá-lo sobre a singularidade dos sujeitos em contínua constituição e sobre a precariedade da própria temporalidade, que o específico do momento implica. Trata-se de erigir como inspiração a disponibilidade para a mudança.

Assim, tomar o sujeito como protagonista de todo o processo de ensino e aprendizagem que ocorre na Educação Básica permite que o aprendiz aprenda e compreenda com base em realidade conhecidas e familiares – proporcionando, notoriamente, um aprendizado muito mais efetivo e eficaz. A língua(gem), em especial, faz parte da constituição do sujeito e, por conta disso dentre outras questões, sua apreensão faz-se de importância tanto ao próprio sujeito quanto a sua atuação na sociedade, como cidadão constituído.

Desse modo, por meio da escrita ou por meio da oralidade, o sujeito que aprende sobre/a língua(gem) precisa estar apto a criar textos-enunciados conforme as diferentes situações e os variados contextos em que se envolve, além de poder, nessa perspectiva, colocar em ação seus projetos de dizer decorrentes de suas mais profundas intenções. Nesse movimento de ler e escrever, escutar e falar, o sujeito constitui-se, reelabora-se, apropria-se de ideologias, conhece ao outro, propaga discursos, e faz-se na sociedade como um cidadão atuante.

Logo, é para o fim de permitir ao sujeito estar apto para usar a língua(gem) que esta proposta de *PAL de base dialógica*, fundamentada na concepção de língua(gem) interacional, se presta.

Para concluir, reiteramos que é na dialogicidade do sujeito e da própria língua(gem), pois, que estão o ponto de partida e o ponto de chegada dos processos de ensino e de aprendizagem da língua(gem). *A prática e análise linguística de base dialógica*, por sua vez, é o caminho que está entre esses dois pontos referência, e que, por conseguinte, possibilita ao sujeito apropriar-se da língua(gem) para seu projeto de dizer nas plurais situações de interlocução de que coparticipa.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R. **O gênero carta de conselhos em revistas online**: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Centro de comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. M. [VOLOCHÍNOV, V. M.]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lucia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1979].

BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos**: ensino de língua x tradição gramatical. 262f. Tese (Doutorado em Estudo da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BUNZEN, C. A fabricação da disciplina escola Português. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 34, p. 885-911, set./dez. 2011.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011 [1984].

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013 [1991].

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.) **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 199-226.

SANTOS, G. D. dos. **A prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**: por uma abordagem enunciativo-discursiva de base dialógica. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-

Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017. Disponível em:
<<http://www.bu.ufsc.br/teses/PLLG0706-D.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2017.

Gabriela Debas dos Santos CLERISI

Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Linha de pesquisa da Linguística Aplicada: Ensino e aprendizagem de língua materna.

Recebido em 10/10/2018 - Aceito em 05/03/2019